

VII Seminário FESPSP - “Juventude, trabalho e profissão: desafios para o futuro no tempo presente”.

28 de outubro a 01 de novembro de 2019

GT 06 - Mídias Digitais, Mobilizações Sociais e Cultura

A leitura no intervalo: Práticas culturais e leitura entre estudantes de arquivologia e biblioteconomia da Universidade Federal Fluminense

Joaci Pereira Furtado (UFF), Kelly Cristina Mota Gonçalves (UFRJ) e Erick da Silva Monteiro (UFRJ)¹

Resumo: Parte de investigação mais ampla, este trabalho recorta os índices que estatisticamente levantamos relativos a aspectos das práticas culturais e, dentro delas, de leitura dos(as) estudantes de arquivologia e biblioteconomia da segunda maior universidade pública do Brasil, a UFF. Os dados foram colhidos no último trimestre de 2017. Indicamos também o perfil socioeconômico dessa população que atuará sobretudo em unidades de informação que forma e/ou acolhe leitores(as). Os dados aqui apresentados esperam indicar tendências e, com isso, fornecer subsídios para estratégias, críticas e autocríticas.

Palavras-Chave: Práticas culturais, Práticas de leitura, Arquivologia, Biblioteconomia.

¹ Joaci Pereira Furtado, professor do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal Fluminense (joacifurtado@id.uff.br). Kelly Cristina Mota Gonçalves, professora do Departamento de Métodos Estatísticos da Universidade Federal do Rio de Janeiro (kelly@dme.ufrj.br). Erick da Silva Monteiro, graduando do Departamento de Métodos Estatísticos da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ericksmonteiro@hotmail.com). Agradecemos a Mariana de Amorim Donin, graduanda do Departamento de Métodos Estatísticos da Universidade Federal do Rio de Janeiro, que colaborou na primeira etapa do processamento dos dados coletados. O projeto desta pesquisa foi aprovado pela FAPERJ.

[...] o leitor é sempre uma parcialidade parcial.

João Adolfo Hansen, *O que é um livro?*

I – O(A) ESTUDANTE COMO LEITOR(A)

Como se comportam, em relação à leitura, futuros(as) arquivistas e bibliotecários(as) formados(as) pela segunda maior universidade pública do país? Essa pergunta resume a motivação da pesquisa cujos resultados parcialmente divulgamos neste texto, por sua vez continuação de outro, em que expusemos parte de levantamento estatístico realizado no último trimestre de 2017 que envolveu amostragem com 2.075 estudantes da Universidade Federal Fluminense, nas três grandes áreas do conhecimento, investigando aspectos socioeconômicos dessa população nos quais se inseriam suas relações com a cultura – e, dentro destas, seus vínculos com o livro e o ato de ler (FURTADO; GONÇALVES e MONTEIRO, 2018). No presente artigo recortamos o estudantado das duas graduações referidas, entre outras razões, porque elas formam profissionais estreitamente vinculados(as) à leitura: arquivos e bibliotecas são, antes e acima de tudo, lugares onde se lê.

O interesse pelas práticas de leitura dos(as) universitários(as) brasileiros(as) não é recente: pelo menos desde os anos 1980 estudos monográficos têm se ocupado, dentro desse contingente, inclusive de populações específicas, como a dos(as) graduandos(as) em biblioteconomia.² A abordagem da pesquisa que desenvolvemos é essencialmente objetiva: adotamos métodos estatísticos para identificar tendências inclusive do universo subjetivo desses(as) estudantes, sem a ilusão de, com isso, esgotar a realidade dessa população. A frieza dos números oculta uma falsa totalidade. Temos consciência de que as perguntas do questionário aplicado por nós atingem uma primeira camada, elementar, de algo complexo e profundamente arraigado na subjetividade. Mas, nesta primeira etapa do projeto que se efetua, é incontornável principiar pelo óbvio, isto é, pela moldura que contorna as práticas de leitura: renda familiar, identidade de gênero, orientação sexual, religião, escolaridade dos pais, frequência a equipamentos culturais (incluindo

² Para um levantamento sobre o assunto ver a monografia de bacharelado de Gláucia Pflieger, *Leitura na universidade* (2009).

as bibliotecas), tempo de permanência e forma de acesso à internet. Num segundo momento, aspectos subjetivos da leitura serão devidamente contemplados,³ na certeza de que novos paradigmas de leitura estão emergindo numa velocidade inaudita, mas irrefreável:

Se abrem possibilidades novas e imensas, a representação eletrônica dos textos modifica totalmente a sua condição: ela substitui a materialidade do livro pela imaterialidade de textos sem lugar específico; às relações de contigüidade estabelecidas no objeto impresso ela opõe a livre composição de fragmentos indefinidamente manipuláveis; à captura imediata da totalidade da obra, tornada visível pelo objeto que a contém, ela faz suceder a navegação de longo curso entre arquipélagos textuais sem margens nem limites. Essas mutações comandam, inevitavelmente, imperativamente, novas maneiras de ler, novas relações com a escrita, novas técnicas intelectuais. (CHARTIER, 1994, p. 100-101)

A empiria de nosso estudo pode desenhar as bases objetivas dessas transformações descritas por Chartier, ao menos quanto a uma população numericamente modesta, mas influente, já que são futuros mediadores da leitura. Compreender o(a) leitor(a) universitário(a), pois, é antecipar, em boa medida, possíveis rumos da leitura na volátil sociedade do século XXI.

II – O MÉTODO

Como dito acima, apresentamos neste artigo o recorte de um levantamento maior, que abordou o conjunto dos(as) estudantes da Universidade Federal Fluminense. Por uma questão de transparência em nossa metodologia, repetimos aqui a descrição de nosso método estatístico de acordo com o que já publicamos anteriormente (FURTADO; GONÇALVES e MONTEIRO, 2018, p. 5-7).

Nesse levantamento maior, primeiramente identificamos o número exato de alunos(as) regularmente matriculados(as) nos 131 cursos de graduação em

³ Clara Faria de Souza Pontes escreveu monografia de bacharelado sobre o que ela chama de “prática da leitura literária” dos(as) estudantes de biblioteconomia da Universidade Federal Fluminense, investigando especificamente a natureza dos títulos ficcionais mencionados por esses(as) alunos(as) (PONTES, 2019).

todos os *campi* da UFF no estado do Rio de Janeiro (Angra dos Reis, Campos dos Goytazes, Macaé, Niterói, Nova Friburgo, Petrópolis, Rio das Ostras, Santo Antônio de Pádua e Volta Redonda), o que exclui o campus avançado de Oriximiná (PA), que inclusive não sedia curso regular de graduação. Em 2017, quando iniciamos a execução do projeto, constatamos 43.623 matriculados(as) em duas modalidades de graduação: presencial (33.320) e ensino a distância (10.303). São números consolidados para o segundo semestre daquele ano, conforme relatório fornecido pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais do Ministério da Educação.⁴

Como a realização de um censo seria inviável neste caso, a segunda etapa consistiu na definição de amostra representativa de estudantes, parte essencial para obtenção de resultados adequados. Neste caso, acredita-se *a priori* que a variável de interesse “práticas de leitura de graduandos(as)” seja razoavelmente heterogênea para essa população, variando principalmente de acordo com as áreas de estudo dos(as) aluno(as). Portanto, a fim de garantir resultados mais precisos, é razoável incorporar esta informação na elaboração do planejamento amostral. De acordo com a classificação do CNPq, essas áreas são: (i) Artes, Humanidades e Ciências Sociais Aplicadas; (ii) Ciências Exatas e da Terra; (iii) Ciências Biológicas e da Saúde. Neste caso, a variável auxiliar estratificadora (área) é conhecida para todas as unidades da população, permitindo assim a confecção de um planejamento amostral por estratos:

- (1) matriculados em Artes, Humanidades e Ciências Sociais Aplicadas;
- (2) matriculados em Ciências Exatas e da Terra;
- (3) matriculados em Ciências Biológicas e da Saúde.

Considerando esta divisão de estratos, temos a seguinte disposição da população por estrato:

Estrato	1	2	3
Wh (peso em %)	56,9	27,2	15,9

⁴ Disponível em <http://www.uff.br/?q=uff-em-numeros-0>

O plano amostral estratificado consiste na divisão da população em grupos mais homogêneos com relação à variável de pesquisa (estratos) e em seguida uma amostra aleatória simples é selecionada de cada um desses grupos em proporções convenientes. A fim de garantir resultados mais precisos neste caso, iremos alocar tais amostras dentro de cada estrato usando a alocação ótima de Neyman.

Para determinar o tamanho de amostra devemos fixar antes do estudo qual o parâmetro populacional em que temos o maior interesse. Neste caso, estabelecemos que o maior interesse é estimar a proporção de alunos que leram algum tipo de livro nos últimos meses. Dessa maneira, o tamanho de amostra global (n) ótimo é dado pela seguinte forma:

$$n = \frac{\left\{ \sum_{h=1}^H W_h \sqrt{\frac{N_h}{N_h-1} P_h (1 - P_h)} \right\}^2}{\left(\frac{\epsilon}{z_{\alpha/2}} \right)^2 + N^{-1} \sum_{h=1}^H W_h \frac{N_h}{N_h-1} P_h (1 - P_h)},$$

em que H é o número de estratos na população, N_h é o tamanho do estrato h , $h=1, \dots, H$, N é o tamanho da população, $W_h = N_h/N$ é o peso do estrato h na população, P_h é a proporção populacional de alunos que leram algum tipo de livro nos últimos meses no estrato h , ϵ é a margem de erro, $1-\alpha$ é o nível de confiança do estudo, logo $z_{\alpha/2}$ é o quantil da distribuição normal padrão que deixa uma área de $\alpha/2$ à direita.

Para cada um destes tamanhos de amostra, a alocação por estratos n_h foi feita utilizando a alocação ótima de Neyman, dada por:

$$n_h = n \frac{W_h \sqrt{\frac{N_h}{N_h-1} P_h (1 - P_h)}}{\sum_{h=1}^H W_h \sqrt{\frac{N_h}{N_h-1} P_h (1 - P_h)}}, \quad h = 1, \dots, H.$$

Neste estudo, em particular, com $H=3$ estratos, vamos assumir que o nível de confiança do estudo é de 95%, o erro máximo tolerado é de aproximadamente 2% e, como não temos um estudo prévio, usaremos que a proporção de sucesso em cada estrato é de 50%, e dessa maneira também teremos o maior tamanho possível, fixados o nível de confiança e a margem de erro. Portanto, tem-se que o tamanho da amostra a ser selecionada é $n=2038$, com a seguinte alocação por estrato:

Estrato	1	2	3
nh	1159	554	325

Por outro lado, como não foi possível a obtenção de um cadastro de todos os estudantes da UFF para sortear uma amostra probabilística com base no esquema previamente definido, a seleção desta amostra se deu por meio de um convite, enviado a todos os estudantes por correio eletrônico e com o apoio da Pró-reitoria de Graduação, a preencher formulário eletrônico – objetivo e anônimo –, com 70 questões, disponível via Google. A mensagem foi enviada por e-mail corporativo da UFF em 15 de setembro. A iniciativa, porém, resultou em baixa adesão, com apenas 792 formulários preenchidos quatro dias depois – número bastante aquém do mínimo estatisticamente necessário: 2.038. Respondendo ao nosso pedido de nova chamada, a Superintendência de Tecnologia da Informação nos esclareceu que a maioria dos graduandos não é alcançada por esse meio, recomendando que os procurássemos pelas redes sociais. Assim, decidimos nos inscrever em grupos no Facebook formados por alunos dos diversos cursos da universidade, convidando-os a acessar o formulário. O efeito foi imediato, mas regularmente refazíamos a postagem, pois as adesões caíam conforme passavam os dias – o que é próprio da acelerada dinâmica dessas redes. O link permaneceu ativo até 5 de novembro de 2017, quando atingimos 2.103 formulários preenchidos. Em seguida, empregamos o processo de pós-estratificação da amostra em cada estrato pré-definido. A pós-estratificação resultou em nh próximos aos pré-estabelecidos e satisfatórios.

A terceira etapa consistiu no processamento das informações recolhidas, começando por expurgar autodeclarados(as) pós-graduandos(as) e recém-graduados(as) do total de entrevistados(as), o que reduziu o número para 2.075 (ou 4,75% do total de) estudantes da UFF. Parte dos dados e de cruzamentos possíveis entre eles foram publicados na edição anterior destes anais (FURTADO; GONÇALVES e MONTEIRO, 2018). Agora selecionamos os relativos exclusivamente à amostra da população de estudantes de arquivologia (332 matriculados no segundo semestre de 2017, 33 respondentes) e biblioteconomia (312 matriculados, 83 respondentes), que exporemos a seguir.

III – PERFIS SOCIAIS E IDENTITÁRIOS

Selecionamos, nesta seção do presente artigo, alguns aspectos do perfil social e identitário da população estudantil de arquivologia e bibliografia da UFF, na esperança de esclarecer o contexto socioeconômico do qual derivam esses(as) estudantes, assim como aspectos objetivos de sua subjetividade – como, por exemplo, a orientação sexual. Acreditamos que esses dados são indissociáveis daquilo que entendemos como “cultura”, em sentido amplo, ou seja, a capacidade de tornar presente o ausente, de simbolizar, de lidar com o imaginário – em outros termos, de “dar às coisas um sentido que está além de sua presença material, isto é, na capacidade de atribuir significações e valores às coisas e aos homens” (CHAUÍ, 2012, p. 314).

Começemos pela identidade de gênero, questão cada vez mais central quando o assunto é cultura.

Gráfico 1 *Arquivologia X identidade de gênero*

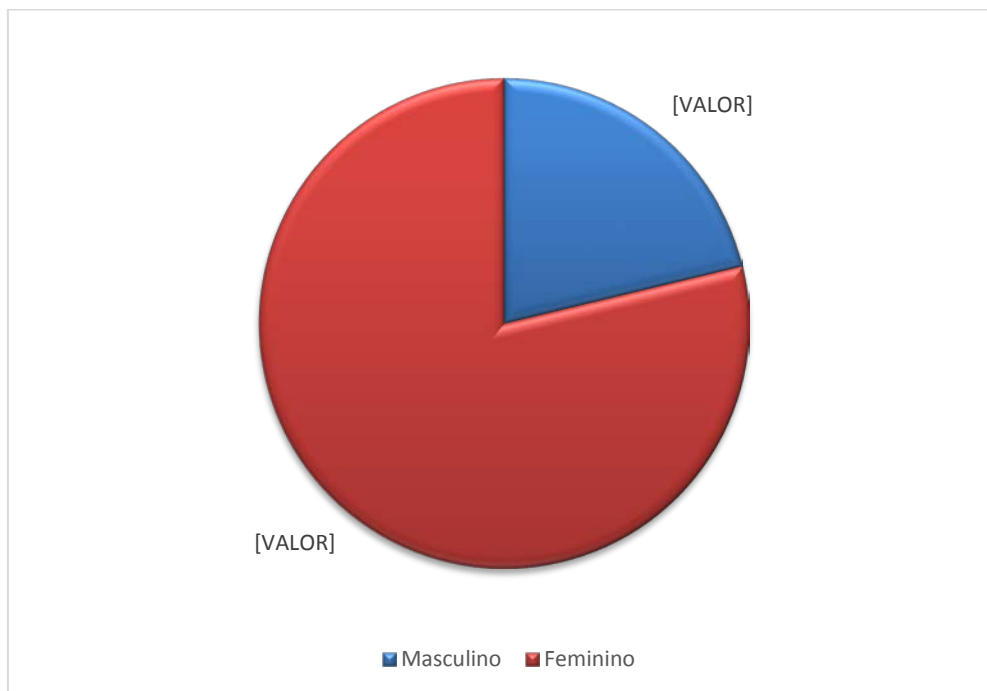
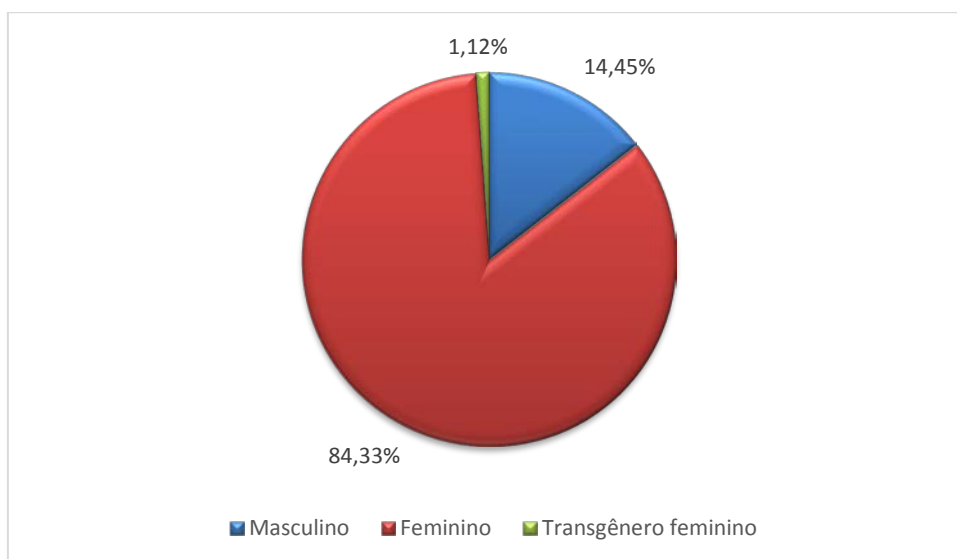


Gráfico 2 *Biblioteconomia X identidade de gênero*

A hegemonia do gênero feminino, especialmente na biblioteconomia, não é novidade. O que preocupa é a sua persistência em pleno século XXI. Fenômeno observado inclusive em outros países,⁵ ela não é um dado trivial, pois historicamente as profissões hegemônicas pelo gênero feminino enfrentam dificuldades para se impor no mundo do trabalho configurado pelo capitalismo, em que impera a concorrência. Não se trata, porém, de mera autoafirmação: a distribuição de papéis e funções especializadas é um mecanismo de reprodução das desigualdades, pois sobram evidências estatísticas de que o gênero masculino recebe melhores salários que o feminino, inclusive quando exerce a mesma profissão, além de preferencialmente ocupar os postos de chefia. Com um agravante, no Brasil: “Segundo dados das PNAD contínuas, mulheres ganhavam cerca de 72% do que ganhavam homens em 2016, proporção que caiu para 70% em 2017. Trata-se do primeiro recuo em 23 anos” (OXFAM, 2018, p. 22). Não por acaso, ao optarem por carreiras como psicologia, farmácia, nutrição, serviço social, enfermagem ou biblioteconomia, as mulheres, ao contrário dos homens, escolhem uma profissão “menos competitiva”, em que o “prestígio social e econômico” é secundário (FERREIRA, 2003, p. 194). Mesmo entre os(as)

⁵ Irajayna Lobão et al. lembram que “a Austrália contava com apenas 20% de bibliotecários do sexo masculino e, mesmo assim, os setores com cargos de maior prestígio era composto em 69% por homens” (LOBÃO et al., 2017, p. 2045).

bibliotecários(as), porém, a desigualdade se reproduz: na Universidade Federal de Santa Catarina, por exemplo, havia, em 2017, 49 profissionais atuando em suas bibliotecas. Desses, 37 eram mulheres, entre as quais catorze eram gestoras. Entre os doze bibliotecários, quatro exerciam cargos de gestão (LOBÃO et al., 2017, p. 2045). Ou seja, a configuração da população estudantil dos cursos de arquivologia e biblioteconomia da UFF reflete e reproduz esse quadro de desigualdade socioeconômica entre os gêneros.

Outro aspecto que destacamos é a idade, já que ela envolve uma série de implicações e decorrências culturais, sociais e econômicas.

Gráfico 3 *Arquivologia X faixa etária*

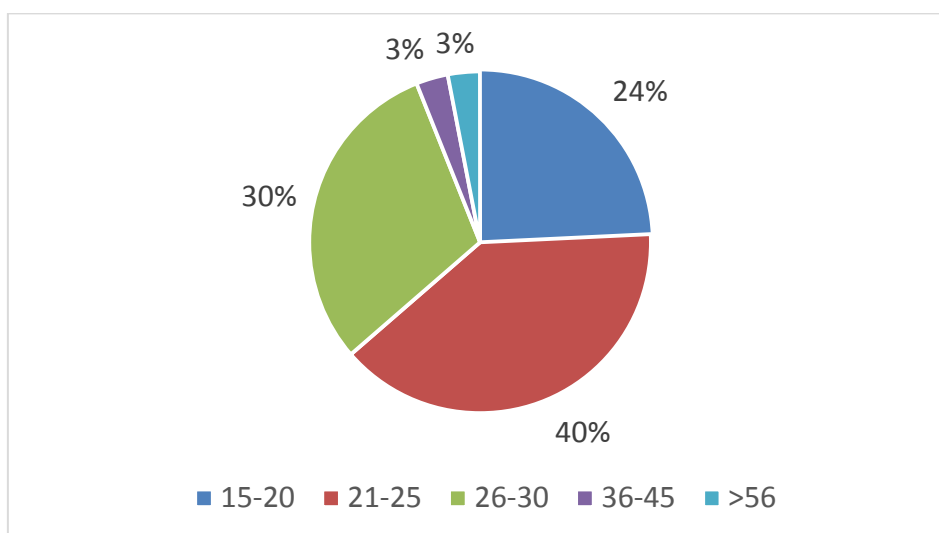
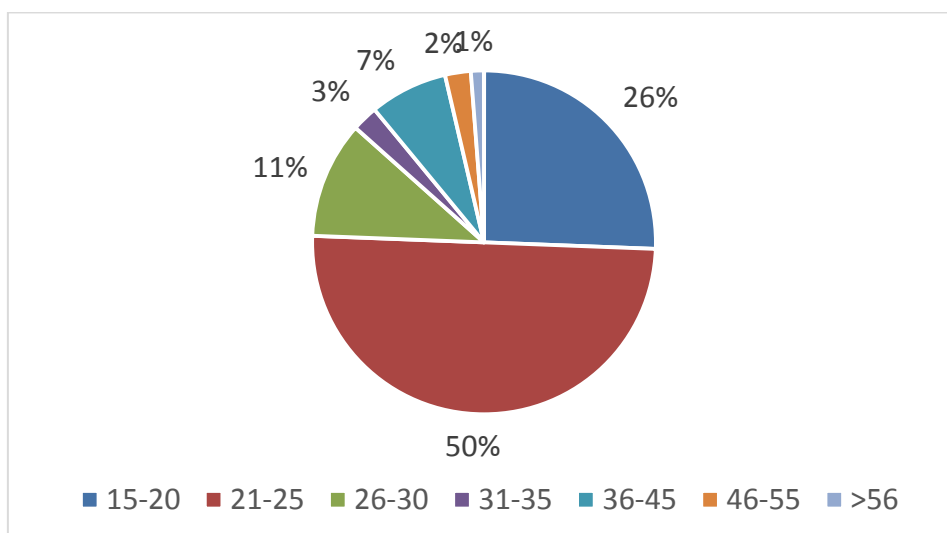
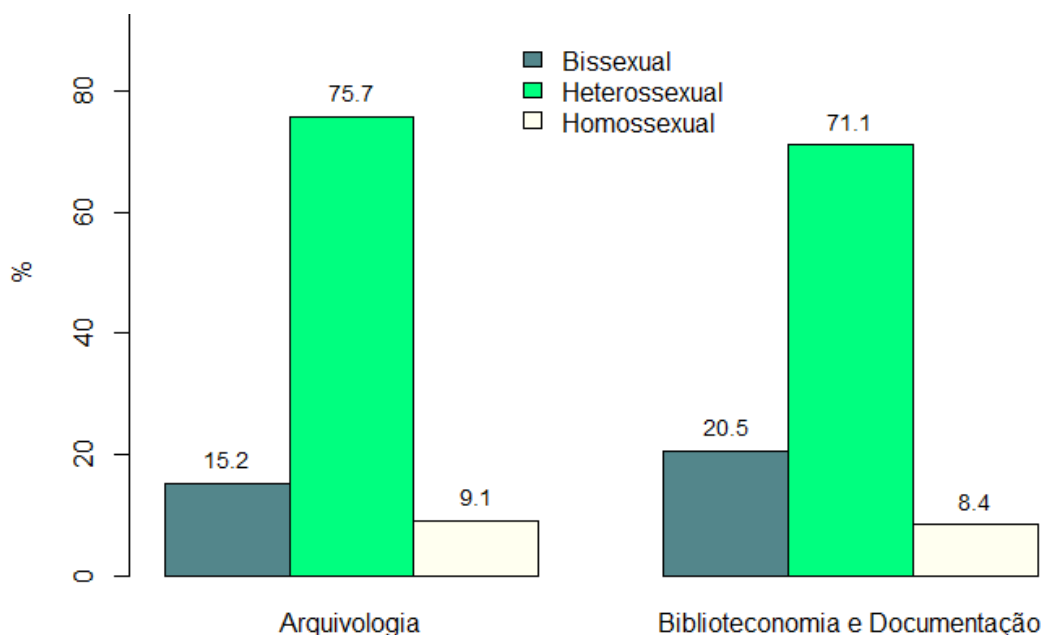


Gráfico 4 *Biblioteconomia X faixa etária*



Discreta diferença entre as duas populações, com maior concentração dos(as) estudantes de arquivologia na faixa etária de 21 a 30 anos (70%), enquanto os(as) de biblioteconomia têm seu maior índice de 15 a 25 anos (76%), indicando contingente mais maduro entre os(as) primeiros(as). Numa hipótese a investigar, tal característica sugere alto índice de ingresso tardio na universidade somado à acentuada incidência de segunda graduação.

A orientação sexual, tema bastante subjetivo e por isso eloquente quanto à autopercepção desses(as) alunos(as), é o próximo item a ser analisado.

Gráfico 5 *Cursos de interesse X orientação sexual*

A orientação sexual autodeclarada dos(as) estudantes dos dois cursos, hegemonicamente heterossexual, é similar, mas, entre os(as) de biblioteconomia, há uma nuance considerável: 20,5% se autodeclararam bissexuais, numa diferença de 5% em relação a essa categoria na arquivologia. Nas duas populações, porém, os(as) autodeclarados(as) homossexuais não chegam a 10% em cada uma.

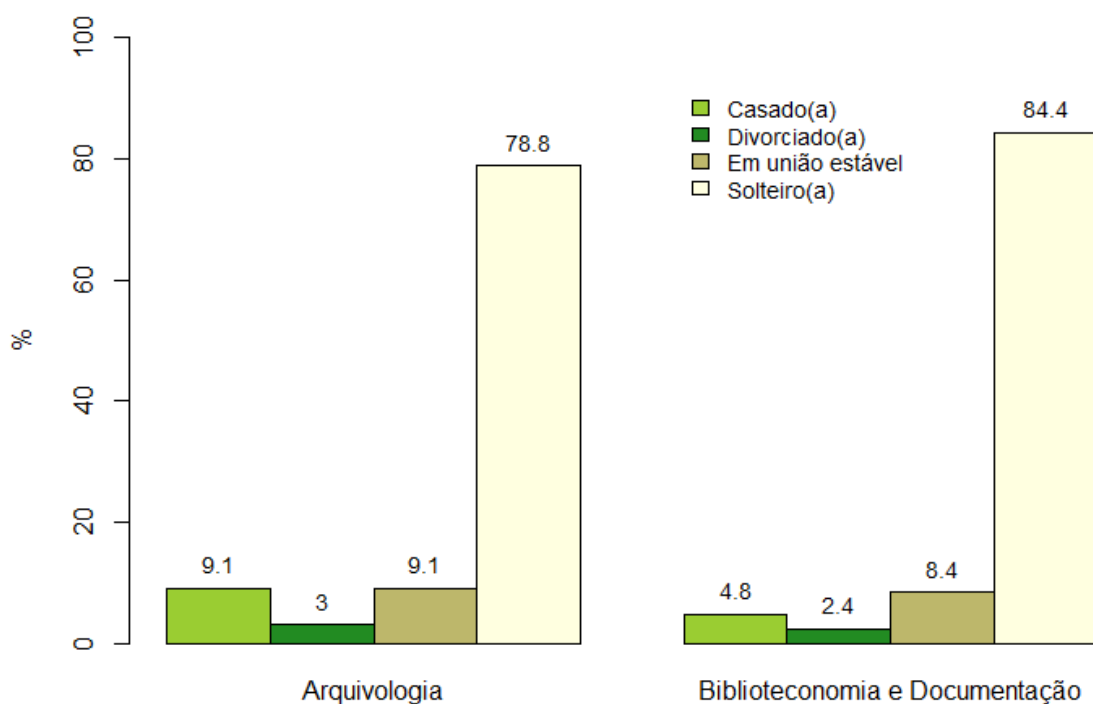
O IBGE nunca recenseou a orientação sexual da população brasileira. O que há são estudos pontuais, como o publicado em 2008 pelo Instituto de Psiquiatria da Universidade de São Paulo. Nele, em levantamento estatístico, constatou-se, para a cidade do Rio de Janeiro, que 80,7% dos homens e 90,7% das mulheres se autodeclararam heterossexuais. Bissexuais foram, respectivamente, 4,8% e 2,3%, e homossexuais, 14,5% e 7% (ABDO, 2008, p. 9).

Seja como for, a orientação sexual também não é tema trivial porque está subordinada à discussão mais ampla sobre as questões de gênero – centrais para essas duas profissões. No tocante à biblioteconomia, Maria Tereza Machado Teles Walter e Sofia Galvão Baptista escrevem que a associação do profissional masculino com as atividades biblioteconômicas,

[...] mesmo no século XXI, ainda é um tema controverso e sensível e não se fala sobre isso sem suscitar desconfortos. Essa mesma sensibilidade não parece permear os textos e nem receber a mesma atenção quando se trata de discutir sobre a imagem mais comumente associada aos bibliotecários, de forma depreciativa, que é a da mulher, velha, de óculos, coque, totalmente defasada e dissociada dos movimentos mais modernos em relação à lide com a informação, como apresentado anteriormente e, claro, solteira, como outra característica negativa para as mulheres. (WALTER & BAPTISTA, 2007, p. 35)

Contempladas a identidade de gênero, a faixa etária e a orientação sexual, passemos agora ao estado civil desses(as) estudantes, acrescentando alguns dados sobre filhos.

Gráfico 6 *Cursos de interesse X estado civil*

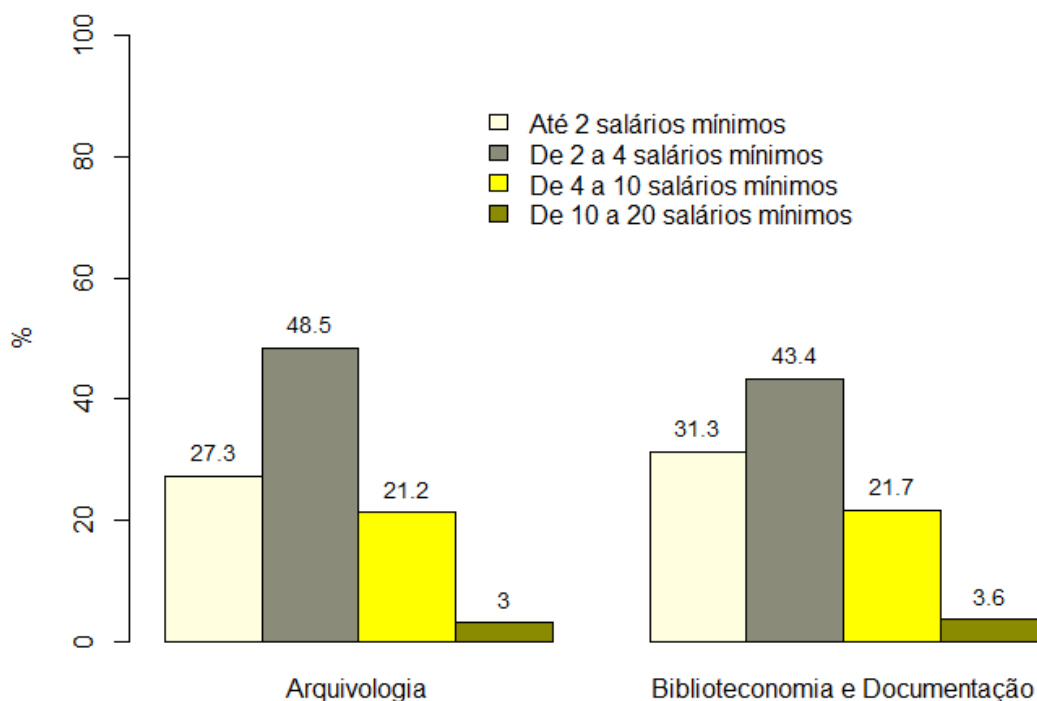


Entre os(as) estudantes dos dois cursos prevalecem os(as) solteiros(as). Casados(as) ou em união estável são mais significativos(as) em arquivologia: 18,2%, no que talvez a faixa etária preponderante possa exercer alguma

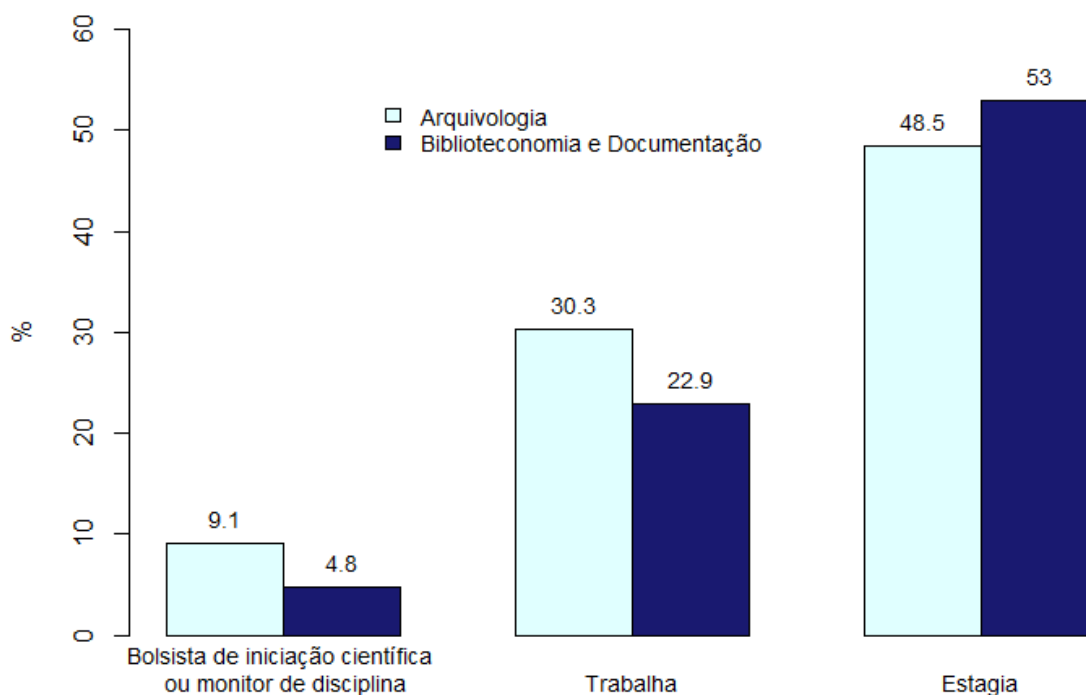
influência. Por outro lado, os(as) que têm filhos(as), casados(as) ou não, são poucos(as): 6,1% em arquivologia e 8,4% em biblioteconomia. Esses índices, além do contexto inibidor de alguém que se prepara (ou se requalifica) para o mercado de trabalho e a esperada estabilidade financeira, estão conformados com a tendência geral da população feminina brasileira, cuja taxa de fecundidade vem caindo (de 2,39 filhos, em 2000, para 1,72 filho por mulher, em 2015, segundo o IBGE).⁶

Visualizaremos, a seguir, uma categoria de dados central para a definição do perfil estritamente econômico: a renda familiar.

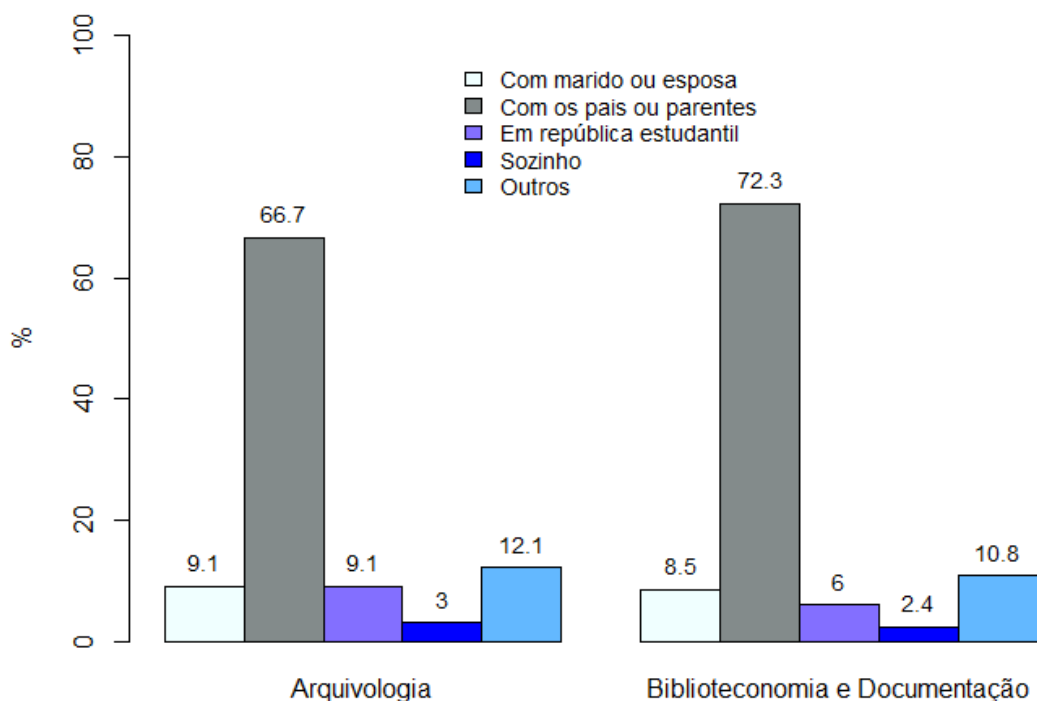
⁶ Disponível em <https://brasilemsintese.ibge.gov.br/populacao/taxas-de-fecundidade-total.html>

Gráfico 7 *Cursos de interesse X renda familiar*

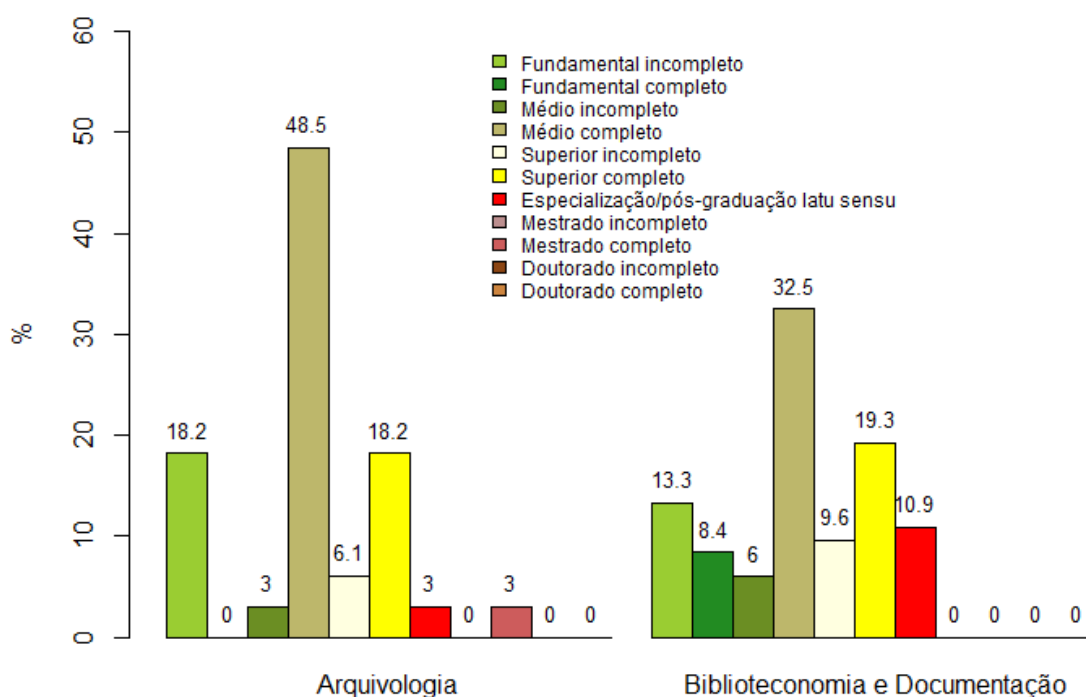
Os maiores contingentes (superiores a 70%), nos dois cursos, concentram-se em faixas de renda familiar de até quatro vezes o salário mínimo (R\$ 937,00, em 2017), o que equivale a até R\$ 3.748,00 mensais, com destaque para a faixa de dois a quatro salários (que chega a ser quase metade, em arquivologia: 48,5%). Pouco mais de um terço dos(as) alunos(as) de biblioteconomia (31,1%) vêm de famílias com renda de até dois salários mínimos. Esses dados evidenciam que o contingente estudantil de arquivologia e biblioteconomia da UFF é majoritariamente recrutado em faixas inferiores de renda familiar, naquelas que se convencionar chamar de “classes C e D” (levando-se em conta apenas a renda). O que se associa diretamente ao item seguinte: ocupações remuneradas.

Gráfico 8 *Cursos de interesse X ocupações remuneradas*

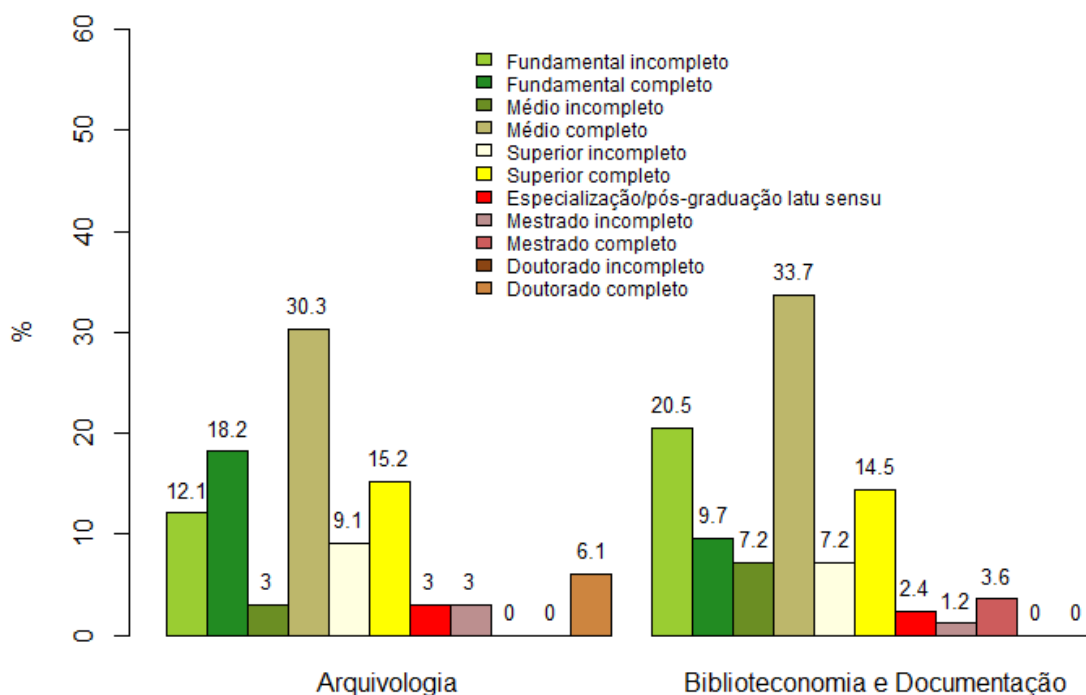
A baixa renda familiar que predomina entre esses(as) estudantes deve explicar, em boa medida, o fato de que 87,9% dos(as) alunos(as) de arquivologia e 80,7% dos(as) de biblioteconomia exercem algum tipo de atividade remunerada – especialmente estágio. Os recursos financeiros, entre outros fatores a investigar, também podem explicar o alto contingente de estudantes que moram com os pais ou parentes, com destaque para 72,3% dos(as) estudantes de biblioteconomia nessa situação:

Gráfico 9 *Cursos de interesse X “você mora...”*

A escolaridade do pai e da mãe tem influência decisiva não apenas sobre a permanência do(a) estudante nas instituições de ensino, desde o fundamental até o superior, mas também na percepção subjetiva de valores característicos da cultura letrada (a frequência a museus e bibliotecas e a leitura espontânea, por exemplo, muito além das obrigações estritamente escolares), a começar pela própria ideia de educação – que pode ser percebida abstratamente como um valor em si mesmo, mas também e sobretudo como instrumento de ascensão social. Começemos pelas mães desses(as) estudantes.

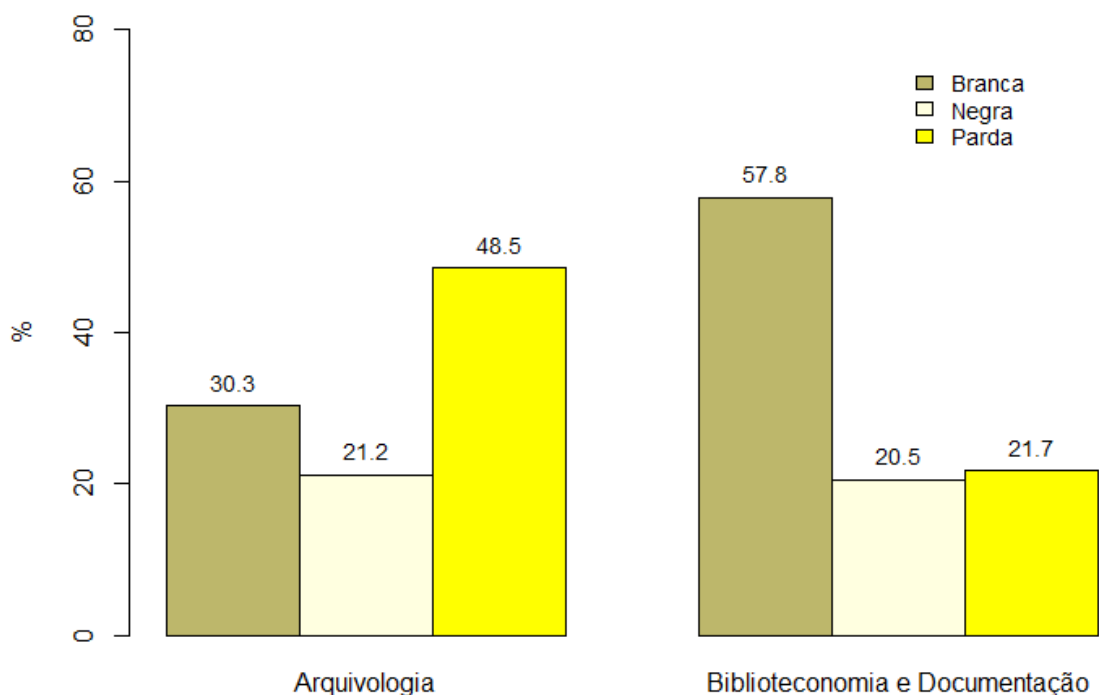
Gráfico 10 *Cursos de interesse X escolaridade da mãe (ou responsável)*

Há uma diferença acentuada na escolaridade das mães dos(as) estudantes de arquivologia e de biblioteconomia. Entre as primeiras, 48,5% têm o ensino médio completo, enquanto entre as segundas esse índice cai para 32,5%. Nos níveis superiores (desde superior incompleto ao doutorado completo), porém, a relação se inverte: arquivologia soma 30,3% e biblioteconomia, 39,8%. Mas nos dois contingentes a soma dos níveis fundamental e médio ultrapassa a metade: 69,7% em arquivologia e 60,2% em biblioteconomia. O contingente de mães com até o ensino fundamental completo é de 21,2% em arquivologia e 27,7% em biblioteconomia. Essa escolaridade pode explicar, em parte, os níveis de renda familiar predominantes nos cursos, sobretudo se somada à dos pais, como veremos a seguir.

Gráfico 11 *Cursos de interesse X escolaridade do pai (ou responsável)*

A escolaridade dos pais dos(as) estudantes dos dois cursos se distribui, em sua maior parte, entre os níveis fundamental e médio: 63,6% dos pais dos(as) alunos(as) de arquivologia estudaram até o ensino médio completo, enquanto esse índice em biblioteconomia é de 71,1%. Em comparação com as mães, a escolaridade dos pais dos(as) alunos(as) de biblioteconomia apresenta contingente de 11% a mais com escolaridade até o ensino médio completo. O índice de pais com até o ensino fundamental completo, entretanto, é de 33,3% em arquivologia e 37,4% em biblioteconomia.

Escolaridade de baixa a média entre os pais, faixas de renda familiar mensal de até quatro salários mínimos, ocupação remunerada ainda durante a graduação, público hegemonicamente feminino. Delineia-se assim o perfil típico do estudantado de arquivologia e biblioteconomia da Universidade Federal Fluminense. Mas falta um componente que, em se tratando de Brasil, é do mesmo modo definidor: a cor da pele.

Gráfico 12 *Cursos de interesse X cor*

Estatisticamente, os dois cursos analisados e a cor da pele são interdependentes: em arquivologia, 69,7% se autodeclararam negros(as) ou pardos(as). Em biblioteconomia, 57,8% se autodeclararam brancos(as). Se levarmos em conta que se trata de públicos femininos, em sua esmagadora maioria, temos o cruzamento de dois fatores decisivos: gênero e cor da pele. Já vimos que a remuneração das mulheres é tendencialmente menor, em relação aos homens. Mas desde 2011 “a equiparação de renda dos negros está estagnada”, reforçando a diferença relativamente às pessoas brancas:

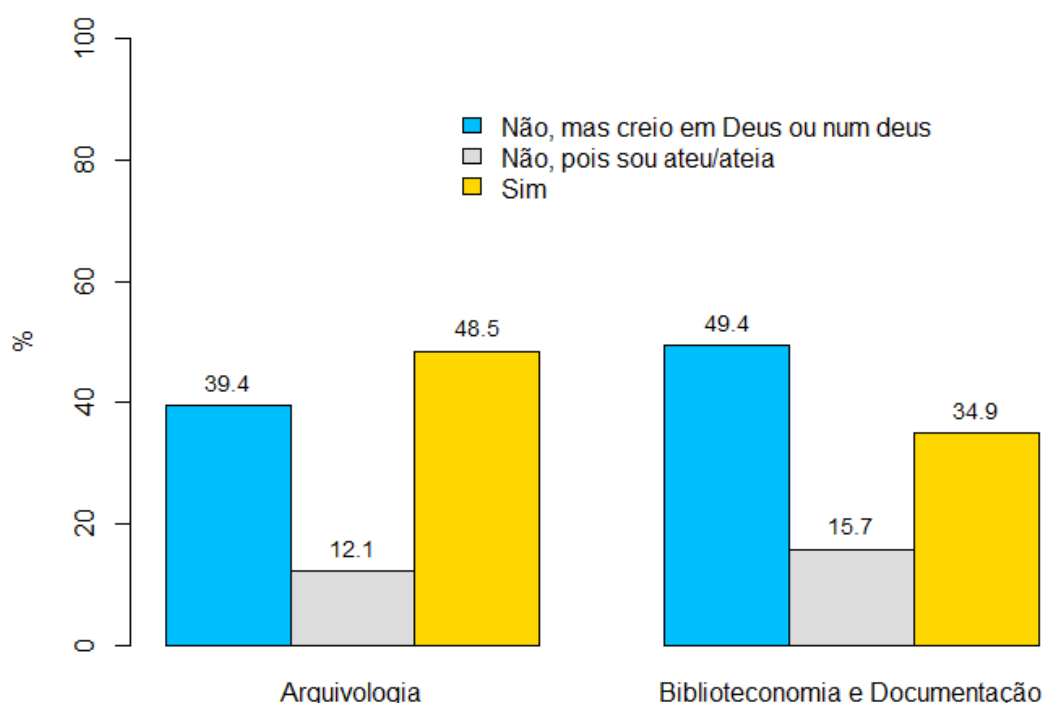
A média geral da renda da metade mais pobre da população era de R\$ 749,31 em 2016, sendo que brancos pobres ganhavam em média R\$ 882,23 e negros pobres R\$ 634,6670. Em 2017, a média geral para esse grupo era de R\$ 804,35, de modo que brancos da metade mais pobre ganhavam R\$ 965,19 enquanto negros dessa faixa recebiam R\$ 658,14. Nesse período, negros pobres ficaram ainda mais pobres, com redução de cerca de 2,5% de renda,

enquanto brancos seguiram direção oposta, com incremento de quase 3% de renda. (OXFAM, 2018, p. 20)

Uma pesquisa com egressos(as) dos cursos de arquivologia e biblioteconomia da Universidade Federal Fluminense poderia verificar se esse vínculo entre gênero, cor e remuneração permanece entre os(as) profissionais.⁷

Passemos agora a outro aspecto subjetivo: práticas religiosas.

Gráfico 13 *Cursos de interesse X “pratica alguma religião?”*



Quase metade dos(as) estudantes de biblioteconomia (49,4%) diz crer em Deus ou num deus e não praticar nenhuma religião. Entre os(as) estudantes de

⁷ O IBGE (BRASIL, 2019) constatou que houve significativo avanço da população negra em índices socioeconômicos, sobretudo no que diz respeito à presença na educação superior pública, mas as diferenças em relação aos(as) brancos(as) continuam acentuadas e os(as) negros(as) e pardos(as) universitários(as) são proporcionalmente menos numerosos(as) que os(as) brancos(as), embora constituam a maioria da população: “Em 2018, no Brasil, os pretos ou pardos passaram a ser 50,3% dos estudantes de ensino superior da rede pública, porém, como formavam a maioria da população (55,8%), permaneceram sub-representados” (<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/25989-pretos-ou-pardos-estao-mais-escolarizados-mas-desigualdade-em-relacao-aos-brancos-permanece>).

arquivologia o índice mais alto é dos(as) religiosos(as) praticantes (48,5%): também quase metade. O resultado destoa da média da sociedade brasileira. Segundo o *Censo 2010*, dado mais recente, naquele ano apenas 8% da população se autodeclarava “sem religião”. Ou seja, há nove anos, 92% dos(as) brasileiros(as) diziam praticar alguma religião.⁸

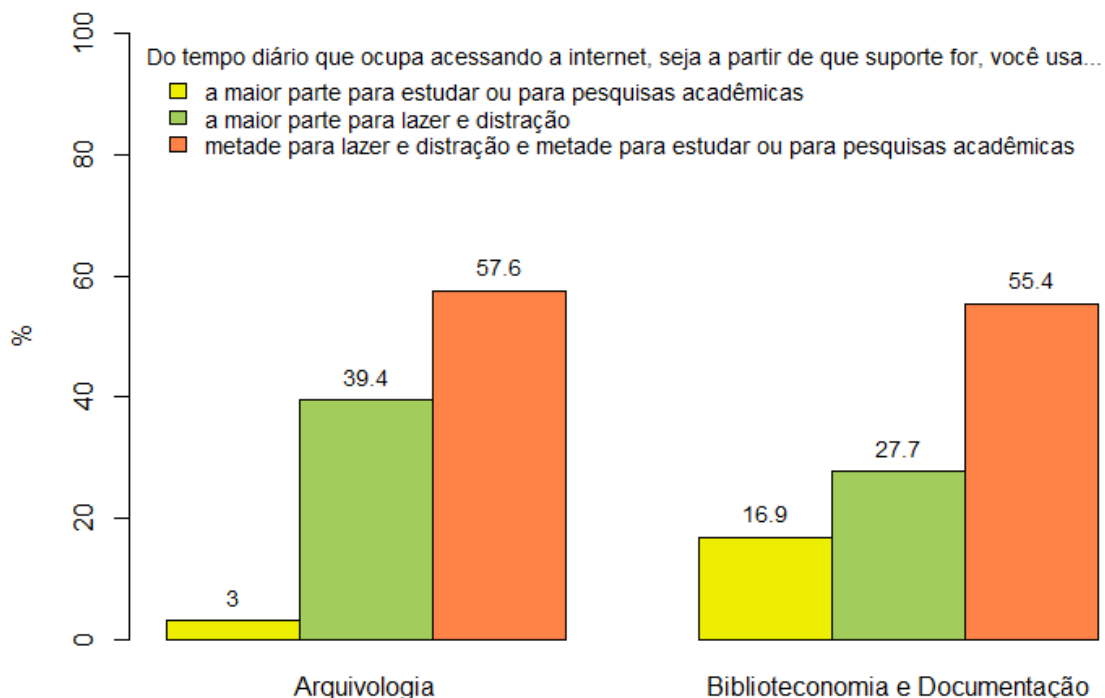
IV – LAZER E CULTURA

Descritos os principais indicadores socioeconômicos e identitários dos(as) estudantes de arquivologia e biblioteconomia da UFF, passemos agora aos resultados relativos ao lazer e à cultura, esta última entendida em sentido extenso, conforme já mencionado. Assim, investigamos a prática de esportes ou de alguma atividade física, o tempo empregado na internet e a relação com os suportes eletrônicos tanto para o lazer quanto para a leitura.

Por razões de espaço, não reproduziremos aqui os gráficos descritivos de algumas práticas, a começar pela cozinha: nem que seja “de vez em quando”, a maioria absoluta dos dois públicos cozinha. Entre estudantes de arquivologia, 45,4% cozinha ao menos aos finais de semana. Em biblioteconomia esse índice é de 38,5%. Constatamos, por outro lado, que o sedentarismo é bem distribuído entre as duas graduações: 63,6% (arquivologia) e 63,9% (biblioteconomia) não praticam esportes ou qualquer outra atividade física ao menos duas vezes por semana. Já quanto à pergunta “Você coleciona algo?” a resposta foi a seguinte: o colecionismo é frequente sobretudo entre os(as) alunos(as) de arquivologia, com 54,5%, 7,5% a mais do que entre estudantes de biblioteconomia (47%). Perguntamos se o(a) aluno(a) produz alguma arte, artesanato ou trabalho manual frequentemente: 69,7% dos(as) de arquivologia e 65,1% dos(as) de biblioteconomia disseram que não. Instrumento musical: você toca algum? A essa pergunta a imensa maioria respondeu negativamente: 84,8% em arquivologia, 86,7% em biblioteconomia. O tempo ocupado com a internet, porém, parece longo, como veremos nos gráficos a seguir.

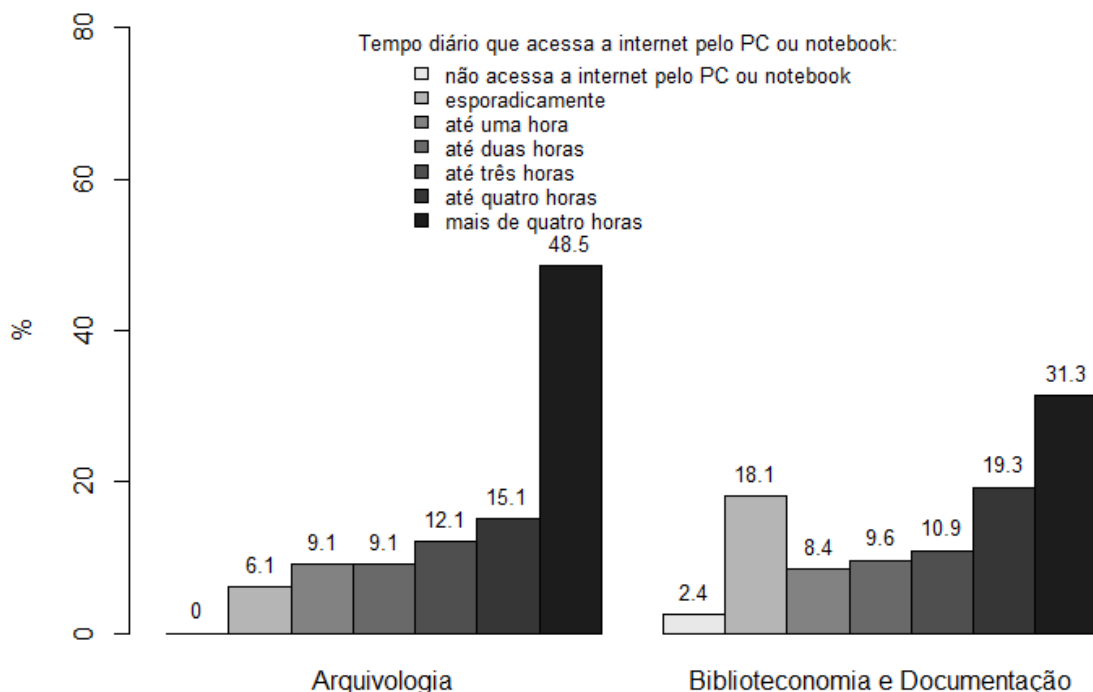
⁸ Estas e outras informações sobre perfil religioso podem ser consultadas no site do IBGE: https://censo2010.ibge.gov.br/apps/atlas/pdf/Pag_203_Religião_Evang_missão_Evang_pentecostal_Evang_nao%20determinada_Diversidade%20cultural.pdf

Gráfico 14 *Cursos de interesse X distribuição do tempo diário navegando na internet*



A discrepância mais notável aqui são os 39,4% dos(as) estudantes de arquivologia que declararam dedicar a maior parte do tempo na internet ao lazer e à distração. Mas a maioria das duas populações diz repartir igualmente o tempo entre estudo e diversão via internet. Mas quanto tempo cada uma delas dedica a essa atividade? O gráfico seguinte responde, ainda que exclusivamente quanto ao acesso via PC ou notebook (o que exclui, por exemplo, tablets e celulares):

Gráfico 15 *Cursos de interesse X tempo de acesso à internet via PC ou notebook*

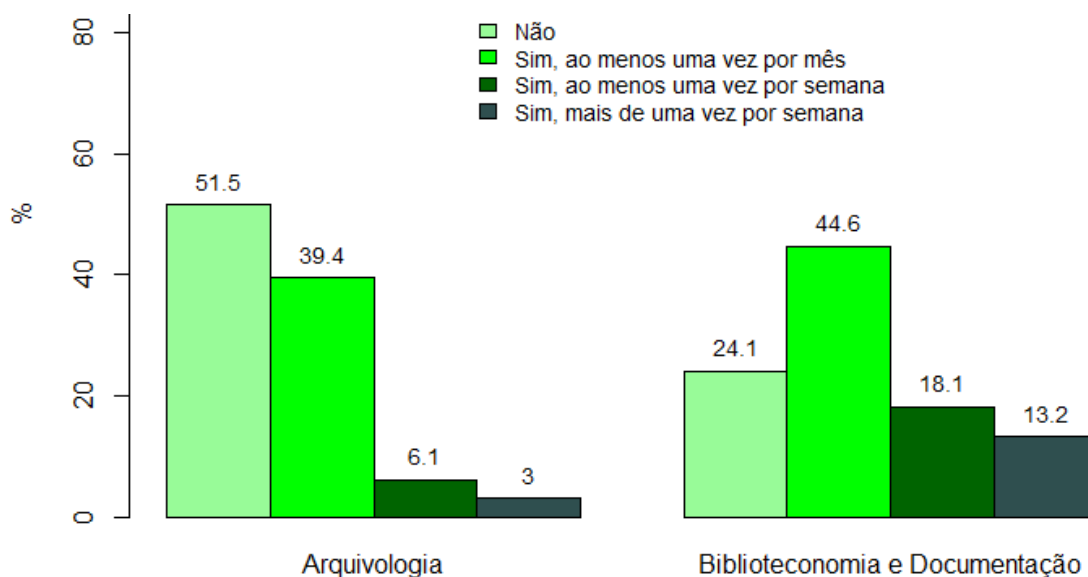


Estudantes de arquivologia são, de longe, os(as) que empregam a maior parte do tempo acessando a internet via computador: 48,5%, quase metade, passam mais de quatro horas diárias diante de um PC ou notebook, “navegando”. Em biblioteconomia, esse índice é de 31,3%. Em arquivologia não há estudante que não acesse a internet por esses meios ao menos esporadicamente. Seja como for, é evidente a onipresença da internet no cotidiano dos(as) estudantes das duas graduações.

IV – PRÁTICAS DE LEITURA

Finalmente, diante desse panorama de características socioeconômicas e perfis identitários e de emprego do tempo naquilo que chamamos de lazer e cultura, como se dão as práticas de leitura? Não é fácil responder a essa questão, cuja complexidade não pode ser reduzida a meros índices estatísticos, mas estes podem sinalizar para algumas possibilidades de pesquisas verticalizadas, de ordem subjetiva, em que se capture com mais

precisão um retrato dessas práticas. O que mostraremos a seguir se refere à leitura da bibliografia dos respectivos cursos e à frequência às bibliotecas públicas e às da UFF.

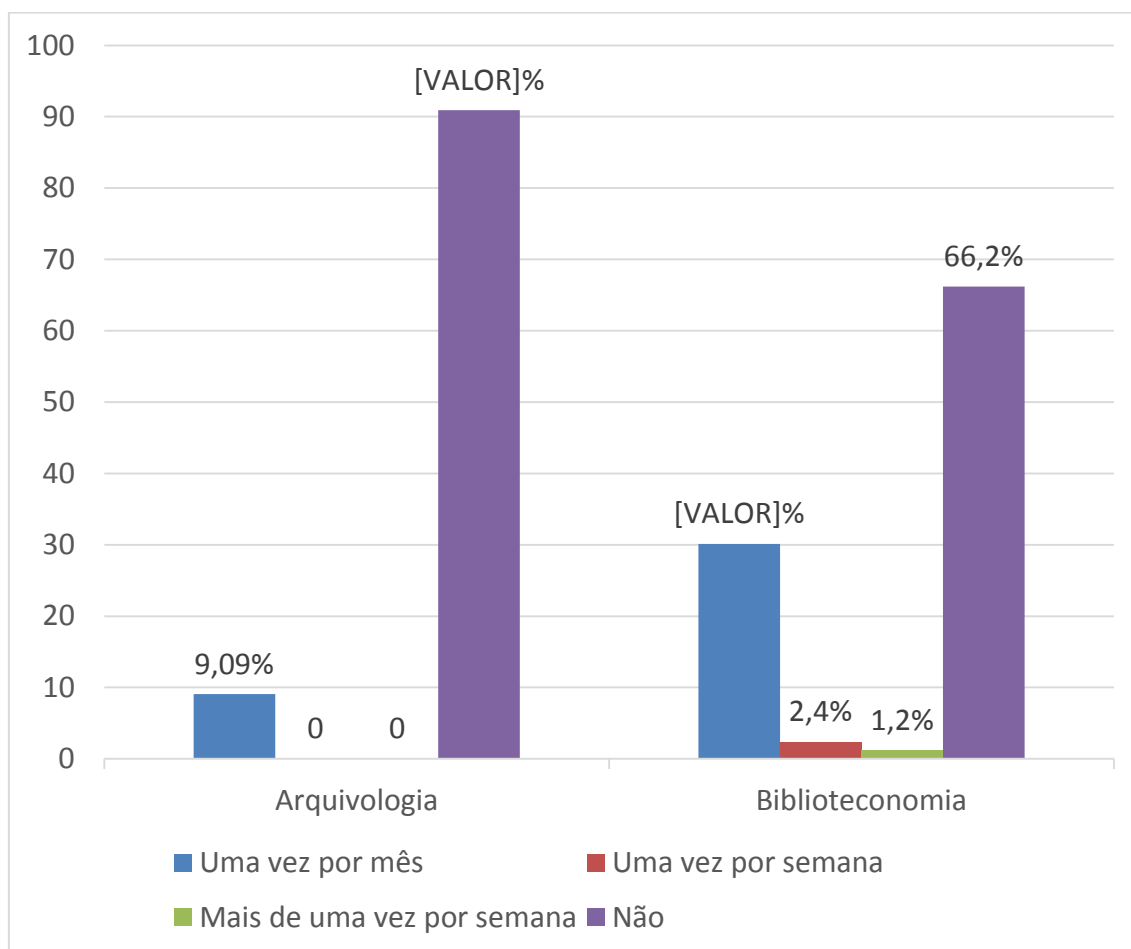
Gráfico 16 *Curso de interesse X “você frequenta as bibliotecas da UFF?”*

Nova discrepância entre os dois cursos: 51,5% dos(as) estudantes de arquivologia declararam não frequentar as bibliotecas da UFF, enquanto 44,6% dos(as) alunos(as) de biblioteconomia dizem frequentá-las ao menos uma vez por mês. Seja como for, é da arquivologia a frequência mais baixa: 39,4% desses(as) estudantes diz ir às bibliotecas da universidade “ao menos uma vez por mês”. É da biblioteconomia o índice mais alto entre os(as) mais frequentes (mais de uma vez por semana): 13,2%. Ainda assim, baixo, indicando que a biblioteca não é mais, por excelência, o espaço da informação – e talvez nem mesmo de estudo. Em artigo de 2014 sobre pesquisa acerca das expectativas dos usuários ante às novas bibliotecas do Complexo dos Institutos Nacionais da Fundação Oswaldo Cruz, Viviane Veiga e Luís Macena escrevem que

[...] o usuário local tem a demanda relatada na literatura. O mais importante, na perspectiva deles, foi a necessidade de disponibilizar materiais eletrônicos na biblioteca. O espaço de estudo silencioso, acesso à internet sem fio e computadores com acesso à base de dados também foram indicados como fatores fundamentais. A necessidade de tomadas elétricas para notebooks, tablets e afins foram consideradas importantes na estrutura física da biblioteca. Um espaço confortável para leitura é mais importante do que a assistência à pesquisa, na visão dos usuários. (VEIGA & MACENA, 2014, p. 2)

As demandas resumidas acima dizem respeito justamente à conexão e ao funcionamento de suportes eletrônicos, onipresentes no cotidiano dos(as) estudantes de arquivologia e biblioteconomia da UFF, como vimos. O esvaziamento das bibliotecas da universidade com certeza diz respeito à incapacidade de elas responderem – ou responderem de modo precário ou insuficiente – às necessidades impostas pela vida moderna. A mesma constatação pode se aplicar às públicas extra-universidade, embora estas sejam um pouco mais frequentadas pelos(as) futuros(as) bibliotecários(as):

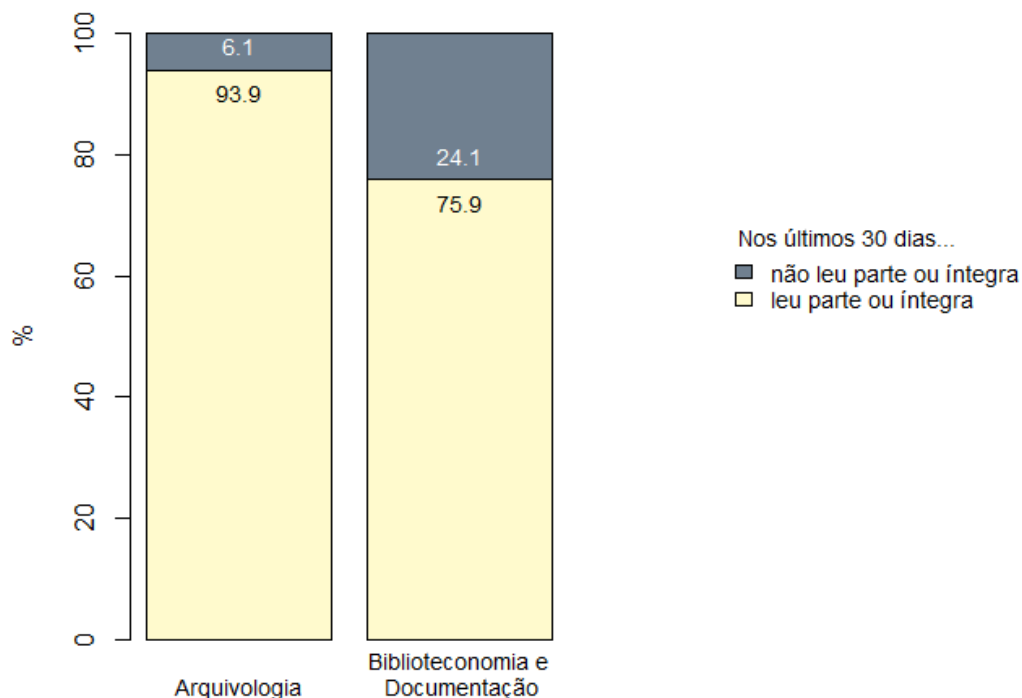
Gráfico 17 *Cursos de interesse X “você frequenta bibliotecas públicas fora da UFF?”*



Se a frequência às bibliotecas é baixa, o mesmo não se pode dizer quanto à leitura das bibliografias dos respectivos cursos. Há discrepância significativa entre as populações das duas graduações: os(as) estudantes de arquivologia

se declaram mais leitores da bibliografia das disciplinas (93,9%) do que os(as) de biblioteconomia (75,9%). Porém, a constatação mais relevante, acreditamos, é que a baixa frequência às bibliotecas universitárias não impede alto índice de leitura da bibliografia do curso, sobretudo entre os(as) alunos(as) de arquivologia – que são exatamente os(as) que menos as frequentam e os(as) que permanecem mais tempo na internet, diariamente. Isso reforça, pois, nossa hipótese de que a biblioteca – pública ou universitária – não é mais o *locus* prioritário da informação e do estudo. Ao menos não no âmbito da UFF.

Gráfico 18 *Cursos de interesse X leitura de parte ou íntegra de livros da bibliografia (nos últimos 30 dias)*



V – CONCLUSÕES E INDAGAÇÕES

Se pudéssemos descrever em um parágrafo específico, a partir dos dados expostos acima, o perfil de médio do(a) estudantes de arquivologia e biblioteconomia da UFF teríamos o que se segue.

Estudante de arquivologia da UFF é mulher, negra ou parda, cisgênero, heterossexual, solteira, jovem (21 a 30 anos) e sem filhos. Ela vem de família cuja renda é de até quatro salários mínimos. Seus pais ou responsáveis têm entre baixa e média escolaridade. É religiosa praticante, sedentária, passa mais de quatro horas diárias na internet estudando ou se distraindo, cozinha ao menos de vez em quando, coleciona algo, não faz qualquer trabalho manual e nem toca instrumento musical. Tem emprego ou estagia. Mora com os pais ou parentes. Lê a bibliografia do curso e não frequenta bibliotecas públicas e nem as da UFF.

Estudante de biblioteconomia da UFF é mulher, branca, cisgênero, heterossexual, solteira, jovem (15 a 25 anos) e sem filhos. Ela vem de família cuja renda é de até quatro salários mínimos. Seus pais ou responsáveis têm entre baixa e média escolaridade. Crê em Deus ou num deus, mas não pratica nenhuma religião. É sedentária. Estagia ou tem emprego. Usa a internet (por até quatro horas diárias) mais para estudar do que para lazer (mas também para este último). Cozinha ao menos de vez em quando, não faz qualquer trabalho manual e nem toca instrumento musical. Mora com os pais ou parentes. Lê a bibliografia do curso e frequenta as bibliotecas da universidade (mas não as públicas extra-UFF) ao menos uma vez por mês.

Entretanto, restam muitas indagações, que pesquisas posteriores podem responder. Vejamos algumas delas.

O maior contingente de estudantes de arquivologia e biblioteconomia da UFF pertence a faixas inferiores de renda familiar. Por que os(as) mais pobres procuram essas graduações?

A escolaridade das mães e sobretudo dos pais desses(as) estudantes, em sua maioria, oscila entre média e baixa. Isso reflete o perfil de renda das famílias? A graduação pode ser vista, antes e acima de tudo, como meio de ascensão social? Que implicações subjetivas a escolaridade de mães e pais pode ter na formação desses(as) estudantes?

Há forte componente racial na população estudantil de arquivologia (majoritariamente negra ou parda) e biblioteconomia (hegemonicamente branca). Por que os(as) não-brancos(as) são quase 70% dos(as) estudantes de arquivologia? E por que os(as) brancos(as) são maioria em biblioteconomia?

Quase metade dos(as) estudantes de arquivologia diz praticar alguma religião, enquanto 49,4% dos(as) de biblioteconomia são apenas “teístas”. Por que a prática religiosa é mais frequente em arquivologia?

Com todas as implicações físicas e psíquicas presentes e futuras que tem, o sedentarismo atinge pouco mais de 63% do contingente de cada curso. Que relação pode haver entre sedentarismo e a graduação em arquivologia ou biblioteconomia?

Nas duas graduações, mais de 70% dos(as) estudantes cozinham, mesmo que “de vez em quando”. Alunos(as) que cozinham diariamente, indicando obrigação doméstica, são mais expressivos(as) em arquivologia:

21,1%. Cozinhar é, culturalmente, mais que mera necessidade. Estaria aqui uma das principais formas de lazer e sociabilidade desses(as) graduandos(as) da UFF?

Colecionar algo é prática recorrente sobretudo entre estudantes de arquivologia (54,5%). Ainda que reste qualificar essa prática (o que se coleciona e como é colecionado?), é evidente que há uma disposição para ela entre boa parte dos(as) alunos(as) das duas graduações. Seria outra forma de lazer desses(as) futuros(as) arquivistas e bibliotecários(as)?

A maioria dos(as) estudantes de arquivologia (69,7%) e biblioteconomia (65,1%) não exercita as mãos na arte, no artesanato ou em “trabalhos manuais”. E passa de 85%, nos dois contingentes, os(as) que não tocam nenhum instrumento musical. Somem-se a essas características os 63% de sedentarismo e resta a questão: que relação esses(as) estudantes mantêm com o prazer estético e o próprio corpo?

Pensamos que responder a essas questões, e sobretudo refletir detidamente sobre o quadro que se delineou aqui, é absolutamente crucial para o futuro do arquivo e da biblioteca no Brasil. Afinal, pensar sobre o(a) estudante de arquivologia e de biblioteconomia como leitor(a) – e sobre o contexto em que ele(a) se forma e atua – é pensar sobre o que há de ser dessas instituições nesta sociedade em profunda, radical e incerta transformação.

REFERÊNCIAS

- ABDO, Carmita. **Mosaico Brasil**. São Paulo, Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, 2008. Disponível em < <http://awmueller.com/psicoterapia-casal/mosaico/mosaico.pdf>>. Acesso em 14 nov. 2019, 14:38:30.
- AGÊNCIA IBGE NOTÍCIAS. “Pretos ou pardos estão mais escolarizados, mas desigualdade em relação aos brancos permanece”. Disponível em < <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/25989-pretos-ou-pardos-estao-mais-escolarizados-mas-desigualdade-em-relacao-aos-brancos-permanece>>. Acesso em 13 nov. 2019, 9:05:54.
- BOLFARINE, Heleno & BUSSAB, Wilton Oliveira. **Elementos de amostragem**. São Paulo, Blücher, 2005.

- CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Trad. Mary del Priore. Brasília, UnB, 1994.
- CHAUÍ, Marilena. "A cultura". In: _____. **Convite à filosofia**. 14ª ed. São Paulo, Ática, 2012, p. 304-315.
- FERREIRA, Maria Mary. "O profissional da informação no mundo do trabalho e as relações de gênero". **Transinformação**, Campinas, 2003, v.15, n. 2, p.189-201.
- FURTADO, Joaci Pereira; GONÇALVES, Kelly Cristina Mota & MONTEIRO, Erick da Silva. "A morte do leitor? Práticas de leitura entre estudantes da Universidade Federal Fluminense". **Anais do VII Seminário FESPSP**. São Paulo, Fundação Escola de Sociologia e Política, 2018. Disponível em <https://fespsp.org.br/seminarios/anaisVII/GT_6/Joaci_Pereira_Erick_Silva_Kelly_Mota.pdf>. Acesso em 15 nov. 2019, 29:09:23.
- HANSEN, João Adolfo. **O que é um livro?** São Paulo, SESCSP, 2013.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Brasil em síntese. Disponível em <<https://brasilemsintese.ibge.gov.br/>>. Acesso em 14 nov. 2019, 13:27:45.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo 2010. Disponível em <<https://censo2010.ibge.gov.br/>>. Acesso em 14 nov. 2019, 13:42:45.
- LOBÃO, Irajayna de Souza Lage et al. "Biblioteconomia: uma questão de gênero?". **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**. São Paulo, v. 13, n. esp., p. 2037-2050, 2017.
- OXFAM. **País estagnado: um retrato das desigualdades brasileiras**. São Paulo, Oxfam, 2018.
- PFLEGER, Gláucia. **Leitura na universidade: as práticas de leitura realizadas pelos estudantes do curso de biblioteconomia da UFSC**. 2009. Trabalho de conclusão de curso (graduação em Biblioteconomia). Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- PONTES, Clara Faria de Souza. **O bibliotecário como leitor: prática da leitura literária entre os estudantes de biblioteconomia da UFF**. 2019. Trabalho de conclusão de curso (graduação em Biblioteconomia). Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói.
- VEIGA, Viviane Santos de Oliveira & MACENA, Luis Guilherme. O ambiente da biblioteca na e-evolução: com a voz os usuários. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 18, 2014, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG, 2014.
- WALTER, Maria Tereza Teles & BAPTISTA, Sofia Galvão. "A força dos estereótipos na construção da imagem profissional dos bibliotecários". **Informação & Sociedade**, João Pessoa, v. 17, n. 3, p. 27-38, set./dez. 2007.